

RETRATOS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: PROFESSORES DE LUTAS

Luana de Freitas Nunes¹
Débora Duarte Freitas²
Billy Graeff³

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo investigar a formação dos professores de lutas. Para tanto se baseou no livro “Retratos Sociológicos” de Bernard Lahire (2004) que através de entrevistas traça perfis sociológicos para uma análise elaborada dos sujeitos. Foram escolhidos quatro professores de lutas que trabalham com essa temática: um professor que atua em academia, mas não possui diploma universitário; um professor de escola que possui pouca vivência nas lutas; um professor com as duas formações e um professor universitário. Foram encontradas mais semelhanças do que diferenças no pensamento desses professores, apesar das formações serem distintas.

Palavras-chave: Formação. Lutas. Professores.

PORTRAITS OF VOCATIONAL EDUCATION: TEACHERS OF FIGHTS

ABSTRACT: This study aims to investigate the teachers' struggles. To do so was based on the book "Portraits Sociological" Bernard Lahire (2004) through interviews that traces sociological profiles for an elaborate analysis of the subject. Four professors of fights that work with this theme were chosen: a teacher who works in academia, but has no college degree; a school teacher who has little experience in fights; a teacher with two teams and a college professor. Found more similarities than differences in the thought of these teachers, despite being distinct formations.

Key-words: Training. Fights. teachers

RETRATOS DE LA FORMACIÓN PROFESIONAL: PROFESORES DE PELEAS

RESUMEN: Este estudio tiene como objetivo investigar las luchas de los maestros. Para ello se basó en el libro "Retratos de Sociología" Bernard Lahire (2004) a través de entrevistas que traza los perfiles sociológicos para un análisis detallado de la asignatura. Se eligieron cuatro profesores de peleas que trabajan con este tema: un maestro que trabaja en la academia, pero no tiene ningún título universitario; un maestro de escuela que tiene poca experiencia en peleas; un profesor con dos equipos y un profesor universitario. encontrado más similitudes que diferencias en el pensamiento de estos profesores, a pesar de ser formaciones distintas.

Palabras-clave: Formación. Peleas. Maestros.

¹ Graduada em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande.

² Professora Mestre da Universidade Federal do Rio Grande. Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso.

³ Professor Mestre da Universidade Federal do Rio Grande. Co-orientador do Trabalho de Conclusão de Curso.



INTRODUÇÃO

O trabalho busca debater acerca das formações de professores de lutas, seja ela nos espaços formais, ao qual entendemos como a formação em uma instituição de ensino superior, ou em espaços não formais. Para tanto, o texto dialoga com autores como Correa (2010) e Ferreira (2005) para investigar como ocorrem essas formações, questionando as dificuldades, as diferenças e as vantagens da formação de professores de lutas, de forma inicial ou continuada.

Tendo como base o texto “Retratos Sociológicos” de Bernard Lahire (2004), esse artigo se desenvolveu a partir de perfis traçados após um período de entrevistas, para analisar as diferentes experiências de formação de professores de lutas, juntamente com revisão de literatura, a qual foi realizada leituras, reflexões e críticas acerca do tema.

Esse texto é de grande importância para questionar como se dão as formas metodológicas desses processos de formação dos professores de lutas e quais são as metodologias escolhidas por eles além de debater questões importantes ao que se refere à formação do/a professor/a de lutas.

Para responder a esses questionamentos o trabalho se desenvolveu tendo como modelo a ideia de Bernard Lahire (2004) que traça perfis sociológicos para a investigação de determinadas áreas, esse autor utiliza a “reconstrução das disposições sociais a partir de uma análise dos múltiplos indícios extraídos do material empírico.”. Para Lahire (2004):

Só um dispositivo metodológico desse tipo permitiria julgar em que medida algumas disposições sociais são ou não transferíveis de uma situação para outra e avaliar o grau de heterogeneidade ou homogeneidade do patrimônio de disposições incorporadas pelos atores durante suas socializações anteriores (p. 32).

O autor enfatiza o quanto é importante fugir da generalização das ideias e pensamentos, e observar que uma pessoa pode ser definida como uma realidade social através dos diferentes espaços ao qual estará inserida. A complexidade se dá quando observamos um



ou mais comportamentos a partir de diferentes contextos, sendo assim as observações individuais não necessariamente resultarão na totalidade de uma pessoa singular, pois “cada indivíduo é o “depositário” de disposições de pensamentos, sentimentos e ações que são produtos de suas experiências socializadoras múltiplas.” (LAHIRE, 2004).

O presente texto, por sua vez, tem como objeto de pesquisa a formação dos professores de lutas. Esses perfis foram traçados através de entrevistas com professores que de alguma maneira ministram ou ministraram aulas de lutas. Cada encontro foi no local acertado previamente com o pesquisado e sobre assuntos diferentes determinados para o melhor desenvolvimento da pesquisa.

No processo de pesquisa, quatro professores foram entrevistados para a construção desse trabalho e esses foram escolhidos por preencherem um perfil de disposições: a entrevistada possui o perfil com duas formações, passou por uma formação tanto em uma luta formal se tornando faixa preta de Caratê e possui um diploma pela sua formação em educação física; um professor que possui a formação acadêmica em uma instituição de ensino superior em educação física, mas que não tem nenhuma grande vivência em lutas; um professor que é faixa preta, sendo mestre em uma luta formal, porém não possui uma formação em um curso de ensino superior de educação física; e por último uma entrevistada que estudou as lutas e hoje atua como professora em uma universidade de ensino superior em educação física.

Essas entrevistas tiveram como assunto principal a sua formação como professor de lutas, buscando evidenciar e problematizar esse processo, seja essa uma formação inicial ou continuada.

ANÁLISE E DISCUSSÃO:

As duas formações: a luta da academia e a formação acadêmica.



Essa professora preenche o perfil que diz respeito aos dois meios de formações, ou seja, é professora de lutas formada em uma escola de ensino superior no curso de Educação Física e é faixa preta da modalidade de caratê.

Essa professora é formada em licenciatura pelo curso de educação física onde a modalidade de luta que ela praticou acabou por influenciar em sua decisão de escolha para o ensino superior. De início ela tinha um pouco de dúvida em qual área atuar como profissão e ficou entre duas opções bastante distintas como podemos perceber abaixo:

“chega na época do vestibular e tal eu tinha uma dúvida cruel assim, por que eu queria muito trabalhar com o caratê, adorava assim, mas eu também queria muito, ã, trabalhar com pesquisa, com ciência, tanto que eu queria fazer física, minha paixão era física, mas aí pensando assim eu acabei escolhendo educação física como primeiro plano e depois a física como segundo plano, e mais por causa do caratê, então essa minha escolha de formação foi por causa das lutas.”

Podemos observar que quando se tem esse tipo de perfil, quando o professor une a formação teórica com o conhecimento prático, a visão de lutas torna-se mais crítica e ampla, como narra a própria professora:

“Olha, eu acho que esse processo ele me faz pensar que cada pratica ela tem que tá localizada no seu contexto, se tem que saber localizar o que eu quero fazer com essa pratica né, não só as lutas mas ela me fez pensar em outras práticas nesse processo. Por exemplo, dentro do contexto das lutas eu vejo que essas ferramentas utilizadas, essas ferramentas pedagógicas, estavam nesse intuito de buscar a origem do caratê, de buscar uma orientalização né.”

O perfil dessa professora do ponto de vista das lutas foi traçado pelas experiências com o caratê e a capoeira. Essas experiências permitiram a escolha pela faculdade de educação física e o amadurecimento de ser professora, como ela mesma nos cita: “eu acho que cada experiência que a gente tem na vida ela vai influenciando na nossa formação. [...] eu acho que esse processo de se tornar professor é um processo lento né, e que eu fui tendo, eu acho, em vários momentos da minha vida.”.

Através desses dois meios de formação esse perfil permitiu que a professora pudesse ter um olhar crítico e amplo acerca do ensinar, do transmitir e muitas vezes apenas mostrar o caminho para o conhecimento. Segundo a entrevistada a formação do caratê agregada a formação dentro de uma instituição de nível superior permitiu a ela ser uma professora diferente.

“Quando eu iniciei a praticar o caratê eu queria ser professora de caratê e deu e daquele estilo que o meu professor era, eu não pensava que se podia ser um professor diferente daquilo. Só que quando eu entro na universidade e tenho contato com várias literaturas pedagógicas, com vários processos discutindo essa formação pedagógica eu começo a repensar a prática que eu tô tendo. Isso eu fiz em paralelo, eu praticava lutas bem disciplinada e na faculdade a ideia de criatividade, experimentação e esse processo foi junto.”

Acerca das duas experiências de formação que teve a professora reflete que a formação que teve no caratê foi importante para ponderar o tipo de aula que ela administrará, principalmente pensando nos ambientes formais de ensino, como a escola e a universidade. A entrevistada diz que: “aquele processo que eu tive, a minha experiência enquanto formação, ela foi fundamental pra eu saber que isso não serve pra outros espaços, não serve pra escola, não serve pra universidade.”, e ainda acrescenta que: “A minha vantagem eu acho que foi conseguir visualizar essa minha formação extra universidade a partir dos olhos do meu referencial teórico, da minha análise mais antropológica, sociológica desse processo.”

Sobre seu processo de formação como estudante na universidade diz que: “tiveram pra mim um viés muito técnico muito prático e pouco me auxiliaram a pensar as lutas, por exemplo, pra uma escola né, ou pra um espaço que eu não seria faixa preta de judô ou não seria faixa preta de caratê, então acho que elas pouco me auxiliaram.”. Já sobre sua formação extra universidade relata que: “[...] essa formação extra ela foi essencial pra mim poder repensar a forma de fazer. Por que é um processo difícil assim, não digo que tu tem que ser faixa preta de tudo, não, mas ter vivenciado as lutas num outro contexto me dá uma base.”

Segundo a própria professora: “eu acho que é muito difícil a gente falar dessas formações profissionais, dessa formação de professor, por que vai depender muito do contexto que vai atuar.” Realizando uma reflexão sobre a formação de professores e as lutas dentro da universidade, a professora nos diz que:

“Eu penso que os meios de formação vão depender basicamente do objetivo que a pessoa quer com aquela prática né, eu imagino que todos os alunos que estejam ali na universidade que são os meus alunos, eles buscam uma formação ampla por que o maior mercado de trabalho dele são as escolas. E aqueles que querem se especializar pra trabalhar fora da escola com as lutas eles vão ter que buscar outros espaços de formação, só a disciplina de lutas ela não serve pra nada nesse processo. Se a pessoa que ser professora de caratê numa academia ela vai ter que fazer caratê em outro espaço, a universidade ela não vai dar conta disso. Então ela tem que buscar um outro tipo de professor. [...] e o meu objetivo nem é esse por isso não vai ser alcançado, que os meus alunos da disciplina de lutas vão ser professores de lutas extra escola. Não, aquela disciplina ela serve pra escola, ela serve pra um espaço de lazer, um espaço não formal mas que não busque um rendimento, não busque uma especialização. Agora se esses alunos da universidade eles querem começar a trabalhar com modalidades de lutas fora da escola, eles vão ter que buscar outro tipo de formação, outro tipo de professores. Que esse professor não é formado na universidade esse professor é formado no seu tempo de prática com as lutas.”

Para concluir esse perfil, podemos observar que a professora percebe como as experiências de vida com as lutas influenciaram na escolha de sua formação acadêmica, bem como influenciam ainda hoje na sua prática pedagógica. Além disso, a entrevistada identificou que a formação e a atuação enquanto professora depende dos espaços em que esse docente vai agir e que os processos de aprendizagem são extremamente importantes para o tipo de ação que os alunos terão no futuro. Ensino superior: formação em educação física e a disciplina de lutas.

Nesse perfil o professor possui uma formação em uma Universidade de Ensino Superior pelo curso de educação física e não pratica ou praticou nenhuma forma de lutas por mais de um ano.

Contando um pouco da sua história percebemos que ele entrou no curso de educação física influenciado pelos esportes que ele praticava com seus amigos no bairro onde morava:



ARTIGO

“[...] jogava futebol de forma amadora, e algumas outras coisas mais na parte de recreação e tal, vôlei, ã, e entrei, né, com o intuito de trabalhar no esporte de auto rendimento no futebol de auto nível, tipo Inter e Grêmio assim.”

Ao entrar na Universidade ele relata que se deparou com ideias diferentes: “[...] quando eu cheguei no curso eu me deparei com uma realidade bastante voltada pro lado pedagógico e acabei mudando um pouco minha, ã, meu foco de atuação. Até por meidentificar bastante com as questões da escola, [...]”. Já sobre seu contato com as lutas o professor conta que:

“[...] eu fui ter contato pela primeira vez, por que eu nunca tinha praticado lutas até então, foi na disciplina de, não lembro se foi na de lutas obrigatória ou na de caratê que foi optativa, não lembro qual foi antes, acho que foi lutas num semestre e caratê no outro e fiz depois capoeira no seguinte, 5º, 6º e 7º semestre e tal, foram as vivências que eu tive dentro da faculdade.”

Durante sua formação dentro da universidade o professor foi se deparando com algumas formas de manifestações da cultura corporal, ao qual nesse trabalho estamos destacando as lutas.

No seu local de trabalho ele atua como professor substituto de educação física. Nessa escola as aulas se dividem em formas de oficinas as quais os alunos podem optar no início do semestre por uma prática de sua preferência.

“Então aí eu pensei bom vamos botar uma de recreação, botar uma de lutas e botar uma de ginásticas, que aí eu consigo trabalhar com vários conteúdos e proporciona ao aluno essas escolhas né. E começou a disciplina e eu já deixei claro para os alunos que eu não tinha uma parte técnica, só aquilo, eu tinha o que eu vi na universidade, e que iria ser meio que um desafio pra mim ministrar uma aula de lutas, até por não ter muitas vivências então eu escolhi as coisas que eu tinha feito na faculdade que era karatê, que eu sabia o básico, assim, pra dar aula, as coisas da faixa branca né, até o katashotokan, depois a gente passou pela capoeira e terminou no boxe né, que o boxe eu até não fiz na faculdade mas eu tinha alguns alunos aqui que conheciam um pouco e me ajudaram, [...] também a gente foi construindo as coisas de forma mais coletiva.”



ARTIGO

O objetivo da aula de lutas na escola, de acordo com esse professor, é sempre visando mais a parte de vivências e não aulas tão técnicas das lutas, ou seja, um olhar para as lutas informal como ele mesmo coloca que: “[...] as aulas que eu tive [...] deram um subsídio bom, né, que condiciona a gente a trabalhar com lutas na escola com uma perspectiva um pouco mais lúdica, menos técnica e tal.” Além de suas experiências universitárias contou com outra ajuda como recurso de criação para as suas aulas: “[...] a própria internet nos ajuda a montar uma aula, nos dá bastante subsídio. Então eu acho que a mídia também contribui pra isso.”

O professor destaca que o ser professor é uma constituição constante, pois nem sempre o assunto a se abordar é de seu domínio então, acaba renovando sua prática, sua reflexão sobre o processo de ensino de acordo com as necessidades tanto do professor, como dos alunos: “[...] claro que pra montar uma aula tu precisa estudar também, entre outras coisas, foi o que me motivou além de me dar alguma base técnica mas foi o que me motivou a buscar mais e tentar colocar isso na minha prática pedagógica”. Sobre esses saberes o professor coloca que: “[...] é uma questão que vai te constituindo com as tuas experiências o ser professor ele vai sempre se constituindo, não é um processo estanque em cada momento tu vai te reafirmando e tu vai aprendendo cada vez mais com o meio que vai te cercando assim.”

Com o seu olhar de professor de educação física sobre as formações que se encontra nesses diferentes meios ele nos comenta que:

“Pois é então eu não sei, eu nunca estive numa ambiente de técnica de lutas e tal, mas eu acredito, com o olhar de fora, que o trato pedagógico ele seja diferente no sentido de que quem está dentro de uma academia de lutas ele quer ir lá pra aprender, tu já sai ensinando lutas, tu tens uma prática mais voltada pra técnica, exercícios físicos e tal. E dentro de uma universidade como a gente está sendo preparado pra atuar sobre tudo na escola, o trato é outro é mais lúdico, é mais pedagógico assim é talvez um pouco mais reflexivo até, de a gente fazer o aluno entender o porquê que ele tá fazendo tal movimento.”



Na formação do professor se deve observar que ele pode ser um professor que se forma em educação física e por conter na ementa da disciplina da escola a prática corporal de lutas ele vai ter que trabalhar com o assunto tendo ele a prática ou não.

Segundo o professor:

“Sabe eu sempre penso que assim ó, uma formação legal seria a junção das duas. Nem uma coisa tão teórica nem uma coisa tão prática, por que eu digo isso, se a gente conseguisse formar um professor que tivesse apto a trabalhar tanto numa escola quanto numa academia de musculação, luta ou numa escolinha de futsal, isso seria extremamente importante, mas infelizmente não somos formados assim. [...] E aí tem toda a questão da divisão da licenciatura e do bacharelado né, o bacharelado uma formação mais técnica, licenciatura um pouco mais pedagógico, um pouco mais teórica, e aí eu me pergunto se o curso de formação fosse uma licenciatura ampliada, se fossem cinco anos, será que não seria melhor será que a gente não conseguiria ver um pouquinho melhor a técnica e refletir em cima dessas aulas mais práticas nas outras disciplinas e tal. Mas acho que os dois lados tem pontos positivos, se a gente conseguisse juntar os dois seria o ideal.”

Levantando esse debate o professor finaliza dizendo que: “[...] se a gente conseguir mesclar todos esses conhecimentos de todos os lados a gente consegue montar uma aula tranquilamente, [...]” e acrescenta que para desenvolver as atividades nas suas aulas ele se guiava por isso: “[...] é mais ou menos assim que eu trabalho, os poucos conhecimentos da graduação, leituras, internet, enfim, os alunos ajudando também, [...] eles participavam da construção da aula, então tudo era levado em conta na hora de montar a aula do dia.”, e acrescenta que: “[...] as coisas boas a gente deve reproduzir mesmo né, não tem por que tentar sempre, tu adapta, tu reinventa algumas coisas mas tu sempre te espelha nas coisas boas que tu vê, [...].”

Podemos perceber que nesse perfil a sua formação em lutas era restrita a algumas vivências que foram possibilitadas na universidade e por algumas pequenas experiências fora dela, no entanto o entrevistado não se considerou impedido de realizar ações pedagógicas em torno das lutas. Ainda reconheceu ser interessante ter uma formação mais ampla (formal e não

formal), mas que sua formação mais restrita ao pedagógico, não o impede de se reconhecer como um professor de lutas.

Formação em lutas formais: a técnica de um mestre/professor.

Na sala com tatame estão duas cadeiras com uma mesinha no meio onde coloco o gravador para começar a nossa entrevista o professor inicia: “Aos 18 anos vim para a Cidade de Rio Grande para servir ao Exército Brasileiro onde estive por dois anos. Eu que sempre tive a vontade de praticar esportes saí à procura de algo para praticar e foi quando encontrei uma academia no centro da cidade.”. E foi assim que esse professor começa sua trajetória: “Entreí peguei informações e como tinha disponibilidade de horário que era o que eu buscava fiz minha matrícula e comecei a praticar Taekwondo em agosto de 1983.”.

Esse professor se encaixa nesse trabalho sob o perfil ao qual diz que atue em espaços de academias ou clubes e que não possua uma graduação em um curso de ensino superior em educação física.

Enquanto a entrevista seguiu ele foi contando como ocorreu a escolha pelas lutas, de que forma ele se tornou um professor e de que modo hoje em dia ele conduz sua aula, sendo assim: “Para montar as aulas a base é sempre de acordo com as necessidades. Se for próximo a campeonatos as aulas são de técnicas para competição e se for próximo a exames de faixas, técnicas pra prepara para a troca de faixas.”. Porém ele afirma que o foco sempre das suas aulas é: “[...] a humildade, pois através dela podemos ver que estamos sempre aprendendo e que aprendemos até com os menos graduados e esta lição procuro passar sempre para meus alunos.”.

O professor seguiu dizendo que em suas aulas também existia uma diferenciação quanto à idade: “Outro fator importante para a montagem das aulas são as faixas etárias sendo que as aulas para crianças são mais leves e com exercícios de recreação e nas aulas para

adultos são aulas mais sérias e mais fortes tanto na parte técnica quanto na parte de preparação física.”.

Quanto o seu caminho trilhado até chegar a se tornar um professor, ele nos relata que: “Um fator que foi importante na minha formação foi o amadurecimento ministrando aulas mesmo ainda não estando formado. Isto fez com que quando me formei já me considerava pronto para seguir a carreira de professor.”. Podemos dizer que essa é uma forma dentro das lutas de se estagiar, pois são os mesmos objetivos, ganhar confiança e aprendizado para que quando nos tornemos professores possamos com maior facilidade ministrar as nossas aulas.

Quanto ao seu perfil podemos observar o quão essa formação é mais tecnicista como o próprio professor nos diz: “As Ferramentas mais utilizadas eram a determinação, a disciplina e o espírito de querer vencer. Vindo de dois anos de militar do Exército não foi difícil me adaptar a disciplina da luta oriental.”

Hoje em dia, os lugares onde os alunos se colocam em formação na fila para o início da aula vai depender primeiramente do nível de graduação que o aluno se encontra, quanto mais graduado ele for mais à frente e a direita ele estará. Seguido pelo seu tempo como praticante, como nos conta o professor, essa é uma forma de motivação utilizada e na época também existia a colocação na fila quanto ao seu nível técnico: “Sempre procurei me superar e para mim era questão de honra estar sempre entre os primeiros, pois não admitia estar no pelotão de trás e isso me ajudou muito em aprimorar meu aprendizado.”.

Outra forma de motivação nas suas aulas que influenciou na sua formação segundo o próprio professor: “[...] foi a exigência do professor que não deixava nunca desistir mostrando que éramos capazes. As aulas eram muito duras tanto na parte técnica quando no condicionamento físico.”.

Na visão do professor tentando fazer uma comparação na formação que ele teve e uma formação em uma instituição de ensino superior ele diz que: “A grande diferença é que é

muito mais práticas do que teóricas e outra grande diferença é a disciplina e o respeito do professor para com o aluno mas principalmente do aluno para com o professor.” E sobre isso ainda acrescenta que: “O aluno aprende que tem que respeitar para ser respeitado e vice versa. O aluno não deve curvar-se para o professor por obrigação e sim por respeito.”.

Por fim, podemos perceber com o seu olhar de professor, mas principalmente pelo mestre que é e pelos seus anos de experiências mostra um caráter técnico e disciplinar mais forte nesse perfil de formação. Ao mesmo tempo, ele finaliza dizendo que: “Já defendi em reuniões com outros mestres que após o aluno adquirir a faixa preta seria interessante um curso pra todos aqueles que forem ministrar aulas, pois muitos são bons atletas, mas não sobrevivem ministrando aulas.”, e sabiamente coloca que: “Penso que uma coisa é saber para si e outra é saber transmitir.”. Sendo assim, o professor nota que a formação pedagógica não é garantida somente pela aquisição de uma faixa preta ou uma boa execução técnica dos movimentos. Assim percebemos que a formação ela não é linear, estanque e universal para todos os professores.

Professora de Universidade: aula de lutas.

É na universidade que me encontro com essa professora para as entrevistas. A primeira em sua sala onde noto os livros e as comidas, como biscoitos integrais e algumas frutas que ela me oferece durante o nosso encontro. Na segunda vez ficamos em uma sala de aula enquanto ela encerra o conteúdo do dia e como o curso é noturno reparo no cansaço que essa professora se encontra. Tarde da noite ela começa a narrar a sua história no mundo das lutas:

“Acho que começa desde criança, acho que é uma característica pra poder definir um pouco de perfil mesmo, em relação de que eu sempre fui mais agitada do que um estereótipo normal de uma menina e eu sempre tive contato com meninos, então eu tive uma infância com bastante agitação que eu considero bem mais divertida que o normal né, mas é um ponto de vista.”

Com o passar do tempo às lutas de diversas maneiras cruzaram o seu caminho, “[...] uma aluno meu de personal que eu tinha, eu dava aula pra ele [...] e tinha aula de boxe depois.



E ele tinha, e aí eu comecei a ficar, ficar, ficar, ficar nas aulas e comecei a treinar.” Ela passou por diversas modalidades de lutas, sempre experimentando um pouco delas:

E aí eu fiquei não muito tempo também, eu não considero que tenho uma luta formal muito grande, tive várias experiências fiz um tempo de muaythai, fiz umas aulas de taekwondo, mas era bem variadão assim. E aí, no boxe foi que eu fiquei mais tempo, que eu fiquei mais de dois anos treinando, era muito (...) e sempre gostei e sempre mantive, e aí tá, mantive esse contato meio geral assim.

Enquanto cursava a faculdade de educação física a professora se deparou muito pouco com as lutas e como ela nos relata não alcançou suas expectativas:

“As minhas aulas na faculdade elas não fizeram de fato diferença assim e nem me enxergava como professora de lutas né, eu tive uma disciplina optativa de capoeira que foi muito ruim assim a experiência, seja lá de formação, de organização, de avaliação foi tudo muito ruim assim nada foi positiva daquela disciplina, na verdade na minha formação de maneira geral seria mais o que eu vinha praticando.”

A escolha desse perfil para a melhor compreensão de como ocorrem às formações no mundo das lutas, além dos três já citados anteriormente, foi de um professor de lutas ao qual necessariamente atua ou atuou em universidade de ensino superior pelo curso de educação física ministrando a disciplina de lutas.

Para a professora as experiências fora da universidade foram fundamentais para ela conseguir enxergar as diversas maneiras que as lutas se manifestam e dentro dessa os fundamentos básicos que são comuns entre elas: “[...] o quanto tu aprende e o quanto tu te sente maduro pra executar né. Enquanto um professor universitário eu acho que é tranquilo por que tu não precisa ter um nível de técnica [...]”. E segue dizendo que:

Mas acho que a questão toda é como tu trata da disciplina né. Como tu vai apresenta da maneira que com simples vivências tu vais conseguir aplicar lá na escola, ou que simples vivências permitam que tu possa pensar e desmitificar o que um senso comum do que a luta pode te passar. [...] E aí depende muito de como tu aplica. E aí claro tem toda uma organização do respeito e de uma vivência e de uma superação que as lutas trazem que eu acho bem legal.

Para finalizar a professora diz que: “[...] eu digo assim ó que várias coisas né não só do boxe, mas das lutas que eu vejo que a gente tem que respeitar essas diferenças pra poder incluir mais entendeu.”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Podemos observar com as entrevistas de professores que atuam em diferentes áreas das lutas que o segredo para uma boa aula e conseqüentemente a formação dos alunos é saber distinguir os objetivos principais que cada um tem.

Dentro da universidade o foco é a vivência de forma menos tecnicista para que o aluno mesmo sem ter grande contato com a luta consiga ministrar aulas em escolas. Nas escolas, o objetivo principal como citato pela professora com as duas formações, seria a experimentação e não a especialização, momentos que possa proporcionar aos alunos um contato com as lutas de forma parcial e se o aluno gostar terá que procurar um lugar extra escolar para então se especializar dentro da luta. Esse professor é encontrado dentro de academias que praticam apenas essa luta e ali, sim os objetivos da aula vão ser acima de tudo a técnica do movimento e a competição.

O segundo entrevistado teve pouco contato com as lutas e que trabalha com elas por estarem na ementa da disciplina da escola relata que a chave para a sua aula era a construção coletiva, além de buscar fontes de estudos quando trabalhava com uma modalidade específica, como por exemplo, livros e a internet. Mas sempre contando com o conhecimento do grupo para ajudar a desenvolver as aulas na parte mais técnica devido a sua inexperiência.

O que atuava em um ambiente fora da escola disse que sempre concentrava a maior parte de suas aulas na parte técnica, seja essa da execução do movimento em si quando a repetição dos exercícios tenta buscar a melhor execução desses. E também na parte de combate como forma de preparação para os campeonatos.

ARTIGO

Os professores concordam que independente de sua formação estão sempre aprendendo com os seus alunos e construindo saberes juntos, ou seja, a formação de um professor nunca se acaba pois ele está sempre em um processo de aprendizagem. As vivências sejam elas em um ambiente escolar, acadêmico ou em uma academia tem que formar pessoas e talvez futuros professores que possam pensar a prática e desmistificar o senso comum que as lutas remetem.

REFERÊNCIAS

CAZETTO, Fabiano Filier; LOLLO, Pablo Christiano. Publicação sobre lutas e artes marciais em Congressos de Iniciação Científica. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 8, n. 2, p. 187-199, maio/ago. 2010.

CORREIA, Walter Roberto; FRANCHINI, Emerson. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. Motriz, Rio Claro, v.16 n.1 p.01-09, jan./mar. 2010.

FERREIRA, Heraldo Simões. As lutas na educação física escolar - parte do bloco de conteúdos... na prática ou apenas no papel? encontro de pós-graduação e pesquisa da universidade de fortaleza, 5., 2005, Ceará. Anais... Ceará: Universidade de Fortaleza, 2005.

JUNIOR, Edmundo de Drummond Alves. Discutindo a violência nos esportes de lutas: a responsabilidade do professor de educação física na busca de novos significados para o uso das lutas como conteúdo pedagógico. "Usos do passado"- XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ, 2006.

LAHIRE, Bernard. Retratos sociológicos: disposições e variações individuais; trad. Patrícia Chittoni Ramos Reuillard e Didier Martin. – Porto Alegre: Artmed, 2004.

OLIVEIRA, André Luisde, et al. Conceito dos tipos de lutas a partir de uma visão de cultura corporal. **Revista eletrônica da FIA- Academos**, vol.II N.2 Jul - Dez / 2006.

PINO, Angel. Violência, Educação e Sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 763-785, out. 2007.

SANTOS, Gilbert de Oliveira. Sobre o paradoxo das lutas na educação Física escolar. Anais do XVI Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Salvador-Bahia-Brasil, 20 a 25 de setembro de 2009.





ARTIGO

TAFFAREL, C.N.Z.; LACKS, Solange. Formação Humana e formação de professores: Contribuições para a construção do projeto histórico socialista. Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte, Centro de conferencias de Pernambuco, 2007.

TAFFAREL, C.N.Z. et al. Formação de professores de educação Física: estratégias e táticas. Motrivivência, Ano XVIII n°26. p. 89-111, junho/ 2006.

TAFFAREL, C.N.Z. A formação e as diretrizes curriculares do Programa Nacional de Graduação: O assalto às consciências e o amoldamento subjetivo. **Revista da Educação Física / UEM** 9(1): p. 13-23, 1998.



EDUCAÇÃO FÍSICA: DIGRESSÕES, CONTROVÉRSIAS E PERSPECTIVAS

Revista Didática Sistemática, ISSN 1809-3108 v.16 n.1 (2014). Edição Especial. p.77-91